

III Congresso Brasileiro de História Econômica

Curitiba, 29/08 a 01/09 de 1999

Dois métodos e duas interpretações complementares da história da moeda e da tecnologia

CESARE GIUSEPPE GALVAN

Dr., Professor aposentado
UFPB, João Pessoa, CCSA

Res.: Av. Beira Rio, 1065 ap. 401
Ed. Concorde – Madalena
50610-100 Recife - PE

Abstract

Para compreender a elaboração da ciência e da tecnologia, articulamos duas interpretações: Vico (1668-1744) e Sohn-Rethel (1899-1990). A “interconexão entre moeda e tecnologia” (Sohn-Rethel) constitui o caminho para integrar entre si essas duas teorias da história interpretando a formação do capitalismo. Objeto do conhecimento é o que o homem faz (Vico). O experimento das leis da natureza fundamenta-se em formulação, cujo método é a abstração. Esta só se torna sistemicamente possível na prática de relações abstratas na vida concreta, o que ocorre com o uso da moeda (Sohn-Rethel). A abstração científica é tanto mais eficiente no domínio da natureza quanto mais for elevada e precisa, atributos que cabem à moeda e a seu uso: moeda e ciência comungam em abstração e precisão. Sohn-Rethel focaliza dois determinantes: moeda + ciência (e suas conseqüências tecnológicas),

mostrando como os dinamismos da “abstração concreta (moeda)” e da “abstração científica” se articularam reciprocamente, a partir da experiência em relações monetárias. As características do colonialismo moldaram o processo que gerou a civilização capitalista, inclusive moeda e ciência, legando ao capital sua forma e estrutura.

1 - Introdução

É tarefa da história econômica contribuir para explicar, entre outros fenômenos, o desenvolvimento das relações monetárias, bem como da ciência e da tecnologia. Quanto a este segundo tópico (ciência e tecnologia), várias foram, na idade moderna, as interpretações filosóficas de seu desenvolvimento. O primeiro tópico (o caso das relações monetárias) ficou via de regra deixado aos cuidados das análises econômicas, dentre as quais a teoria quantitativa da moeda e seus questionamentos ocupam lugar particularmente relevante; no entanto bem poucos se adentraram no estudo de suas relações com o segundo tópico citado, conectando moeda e desenvolvimento científico.

Em outras palavras, uma das relações mais importantes para desvendar o avanço do capitalismo, foi deixada fora de foco pelos economistas: a relação entre moeda e avanço científico e tecnológico.

Sohn-Rethel (1899-1990) constitui exceção neste campo, descobrindo (tese central em seus trabalhos) um nexos fundamental entre a introdução e difusão da moeda em uma sociedade, por um lado, e a elaboração de uma ciência matemática da natureza, por outro. No itinerário de sua pesquisa, percorre ele a formação daquela separação específica entre

trabalho manual e trabalho intelectual (a atividade da ciência que forma a tecnologia), que caracteriza o capitalismo.

Proponho a seguir articular sua contribuição com outra, historicamente separada no tempo e no contexto: a análise de Vico (1668-1744) sobre a “antiquíssima sabedoria” que ele descobriu entre os Romanos. Isso ajudará a compreender a natureza do padrão de conhecimento humano que cresceu na época do capital, o processo de elaboração científico-tecnológica.

Com isso, como veremos, a interpretação dos fenômenos monetários (o primeiro tópico acima mencionado) articula-se com aquela do desenvolvimento científico e tecnológico. É interessante notar como a relação entre a moeda e a tecnologia constitui as próprias bases do desenvolvimento desses dois fenômenos na história do Ocidente. Moeda, ciência e tecnologia articulam-se reciprocamente. No entanto, talvez mais interessante seria notar que um filósofo como Vico – que não se concentrou, pelo que nos consta, na explicação dos fenômenos monetários – jogou as bases para esta interpretação da história, na qual à moeda cabe papel tão fundamental.

2 - O objeto da ciência do homem

Começemos então por Vico. Ele chegou a expressar de forma mais profunda e meditada um pensamento que estava já em outros autores do século dezoito. O problema abordado é epistemológico, enfrentando um assunto básico para entender aquele avanço em que a ciência e a tecnologia estavam se adentrando já desde os começos da modernidade. A este respeito Vico revolucionou os enfoques que predominavam na filosofia do tempo, polarizada pelas orientações de Cartésio e de Bacon, num mundo em que na ciência

dominava a figura de Galileu. Neste quadro, Vico propõe sua “ciência nova”, cujos princípios ele encontrou na análise da língua latina. Tratava-se de um projeto conservador, ao que parece; acabou resultando revolucionário pela força e penetração de seus *insights*.

Objeto do conhecimento humano é aquilo que o homem faz: este é o princípio geral da epistemologia, que Vico afirma ter encontrado na “antiquíssima sabedoria” dos romanos. Sem entrar aqui em todos os desenvolvimentos dessa tese e de sua demonstração, cabe salientar o que ela implica para a ciência moderna da natureza, naquela época já em pleno florescimento. À primeira vista, este princípio, resumido na frase “*verum-factum*”, parece descartar a possibilidade de um conhecimento científico da natureza.¹ Mas Vico adentra-se bem diversamente nesta problemática.

O homem, segundo sua interpretação, alcança a formulação abstrata das leis da natureza (ciência moderna) não só pela realização do indispensável experimento:² pois o próprio experimento, para gerar ciência, deve fundamentar-se em um processo de formulação, que só se valida dentro de um método de abstração sistemática. As formas científicas estão sujeitas, com isso, a dois condicionantes (não a um só): o procedimento metódico abstrato (formulação das “leis matemáticas da natureza”, válidas para todos os casos, portanto abstratas com relação aos casos individuais), e a realização do experimento,

¹ Esta idéia parece implícita na formulação que Vico dará mais tarde, na *Ciência Nova*, sua obra mais madura, em que levará adiante a proposta de concentrar o esforço científico no estudo do “mundo das nações”, em contraposição ao “mundo natural, do qual só Deus tem conhecimento, pois foi ele que o fez” (VICO, 1977, p.232). No entanto, Vico partilhava com sua época profundo interesse pelas ciências naturais, como veremos logo em seguida.

² “Não consideramos verdadeiro na natureza senão aquilo de que, por meio de experimentos, conseguimos fazer um símile” (VICO, 1977., p.18). A frase foi extraída do *De nostri temporis studiorum ratione* por P.Rossi, em sua Introdução à *Scienza nuova*.

pois o homem deve “fazer” (formular) na teoria aquilo de que se propõe alcançar conhecimento com a prática.

Por assim dizer, o homem “faz” duas vezes aquilo que pertence à formulação das leis da natureza: primeiro, elabora **seu** método, sua leitura desse “livro”; depois, verifica essa leitura pelo experimento. Ambos feitos pelo homem, que não fez a Natureza, em si, criada por Deus. A matemática é inteiramente “feita” pelo homem: é ele quem a elabora desde o estabelecimento de seus princípios. Nesta elaboração encontra-se a razão daquela certeza que ela gera, superior inclusive à das próprias leis da física, às quais ela empresta sua linguagem.

É neste ponto que Vico discorda de outro pensador, que ele admira como um dos maiores cientistas: Galileu. Este, no *Saggiatore*, assim se expressa:³

“A filosofia está escrita neste vastíssimo livro que sempre está aberto diante dos nossos olhos (eu digo o universo), mas não se pode entendê-la se antes não se aprende a compreender a língua e a conhecer os caracteres nos quais ele está escrito. **Ele está escrito em língua matemática**, e os caracteres são triângulos, círculos, e outras figuras geométricas: sem esses meios é humanamente impossível entender palavra; sem eles estamos rodando vãmente por um obscuro labirinto.” (Grifos nossos)

À diferença de Galileu, eis o julgamento do próprio Vico:⁴

³ GALILEI, 1971, p.248. Citação extraída do *Saggiatore*: “La filosofia é scritta in questo grandissimo libro che continuamente ci sta aperto innanzi a gli occhi (io dico l’universo), ma non si può intendere se prima non s’impara a intender la lingua, e conoscer i caratteri, ne’ quali é scritto. Egli é scritto in lingua matematica, e i caratteri son triangoli, cerchi ed altre figure geometriche, senza i quali mezzi é impossibile interderne umanamente parola; senza questi é un aggirarsi vanamente per un oscuro laberinto.”

“a aritmética e a geometria, bem como aquela sua derivação que é a mecânica, estão na faculdade do homem, visto que nesses três campos nós **demonstramos uma verdade enquanto a fazemos.**” (Grifo nosso)

Portanto quem “fabrica” a matemática como instrumento para entender a natureza é o homem. Dai provém, inclusive, a clareza e a certeza das demonstrações matemáticas.⁵ E a perfeição delas é humana (portanto relativa, limitada), não divina. Portanto, Vico explica a formação da ciência da natureza através de dois procedimentos, completamente humanos: a elaboração da matemática e a condução do experimento. A ligação entre os dois – pelo menos no nível de elaboração viconiano – não apresenta problema particular.

Outra questão, porém, seria a de incluir na “ciência das nações”, obra mais madura de Vico, a história da elaboração das matemáticas e de suas aplicações às “leis” da natureza. Este foi um lado que o Autor, pelo que pudemos examinar, não desenvolveu quando se dedicou a rever criticamente o “mundo das nações” em sua obra mais madura. Faltava, assim, indagar como o homem se capacitou a tal empreitada.

3 - Como alcançar a ciência da natureza: “economia e conhecimento”

De fato, se Vico tivesse aplicado sua revisão crítica das antigas histórias e cronologias ao desenvolvimento das ciências naturais e matemáticas como o fez para o

⁴ A citação que segue foi extraída de ROSSI, 1989, p.120.

⁵ A propósito de certa “desmistificação” da matemática em VICO, cf. Brunetti e Geymonat na “Introduzione” à antologia galileiana por eles publicada (GALILEI, 1971, p.19ss.)

direito, a linguagem, a filosofia, a literatura, deveria ter dado resposta a uma questão fundamental subjacente: como é que o homem se capacita a realizar tais elaborações sistemáticas, abstratas, como as que formam a matemática? Como ele alcança tal grau elevado de abstração? E como ele liga abstrações tão elevadas com a prática quotidiana de suas relações com a natureza? Em termos viconianos, como foi que aqueles “*bestioni*”⁶ evoluíram até tornar-se capazes de formular as leis da Natureza?

A resposta a este interrogativo forma o próprio cerne no estudo de Sohn-Rethel, que a nosso ver é traduzível na seguinte formulação sintética: **a abstração elaborada na formulação matemática de leis da natureza só se torna possível a partir da prática de relações abstratas na vida concreta. Isso ocorre com o uso da moeda.**

É aqui que surge o papel da “interconexão entre moeda e filosofia” que constitui o caminho para integrar entre si essas duas teorias históricas da sociedade, completando-as reciprocamente em uma interpretação da formação do capitalismo. Mas sobretudo, esclarece o vínculo entre a penetração da prática monetária na sociedade e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Assim colocadas essas afirmações podem parecer até bizarras: desde quando ocorreu tal ligação entre moeda, ciência e tecnologia? Este é o ponto a que chegou a indagação histórica do Autor concentrando-se em perguntas básicas a respeito da própria formação da sociedade: tratava-se de descobrir quais são os princípios que constituem e mantém aquela vinculação entre os homens que formam uma sociedade, pois é dentro dessa

⁶ “Bestioni” (grandes animais), é como designa Vico os homens da primeira das três idades: a idade dos deuses, à qual se seguem e finalmente a idade dos heróis e a idade dos homens. Cf. VICO, 1977 (I. ed. 1725; III ed. 1744, ano da morte do Autor).

sociedade que florescem todas as atividades humanas, inclusive adotando aquelas formas típicas de elaboração da ciência matemática da natureza. Nas sociedades do mundo ocidental, tais formas tiveram origem na Grécia antiga. Qual foi então o fenômeno que tornou os Gregos capazes de tais elaborações (geometria, filosofia)?

Note-se que se trata de um fenômeno que, além de ocorrer significativamente entre os Gregos, teve continuação e desenvolvimento nas sociedades futuras, suas herdeiras, onde a herança científica veio a conhecer ulteriores impulsos, desaguando afinal na realização fáustica do capitalismo. Qual então o carácter que marca essa tradição?

Ora, tal espécie de denominador comum é a moeda, introduzida na Grécia entre os séculos oitavo e sétimo antes de Cristo: suas características práticas, concretas, respondem às condições teóricas da ciência que lá mesmo foi elaborada. Pode-se traçar uma história quase paralela entre o desenvolvimento da moeda e da ciência ocidental, aquela ciência cuja semente foi fecundada nas férteis contribuições dos antigos, germinou em redutos privilegiados na Idade Média, e veio a eclodir no instrumento privilegiado do capital, no manancial onde a produção capitalista iria haurir suas tecnologias.

No fundo, o que Sohn-Rethel diz é que não só “aquilo que” o homem conhece é produto dele; também o “modo como” ele elabora seu conhecimento deve ter por base a prática concreta da vida humana. Ora, um traço que caracterizou a sociedade Grega – espalhando-se depois como profunda característica da sociedade ocidental – foi a introdução, difusão e penetração do uso da moeda no relacionamento humano. Esta prática implica um grau de abstração em sua própria definição: a moeda é algo abstrato já em sua forma primitiva, de metal cunhado.

A moeda apresenta uma abstração operada na prática, mesmo não estando os protagonistas conscientes desta propriedade daquilo que eles fazem: abstraem sem saber (ainda) o que é uma abstração. No entanto, é a partir desta experiência que se capacitam a dar sistematicidade a seu pensamento, determinando o grau das abstrações nele operadas.

Amplios são os desenvolvimentos que o Autor dedica a este processo de “abstração concreta” embutida no uso da moeda, mesmo depois de tê-la explicitamente indicado no capítulo 2 da Primeira Parte: “Abstração pensada ou real?”

É de tais análises que se extrai sua tese central de que a economia está profundamente imbricada com a ciência (a “filosofia” em toda a vastidão de suas acepções): sobre este pilar funda ele aquela teoria do conhecimento que persegue a formação da ciência no mundo ocidental e suas conseqüências tecnológicas. A profundidade e, sobretudo a sistematicidade das abstrações da ciência só se tornaram possíveis a partir de uma análoga propriedade daquilo que os mesmos homens faziam em sua prática quotidiana, a abstração monetária.

4 - Eficiência da abstração

Sohn-Rethel propõe um procedimento que coloca no centro da dinâmica dois determinantes fundamentais da sociedade: a moeda e a ciência (esta, inclusive em suas conseqüências tecnológicas), mostrando como, na história, os dinamismos

“abstração concreta (moeda)” e “abstração científica”

se articularam reciprocamente, a partir da experiência concreta das relações monetárias: uma concretude, repita-se, que implica um elevado grau de abstração.

O processo científico é abstrato: só existe a partir da formulação de “leis gerais”, independentes dos casos concretos. Para início de conversa, pode-se pensar no teorema de Pitágoras. Mas há outras implicações.

Por um lado, a prática concreta da abstração gera conseqüências no nível da abstração no conhecimento; por outro lado, a abstração deste conhecimento está prenhe de implicações práticas: a ciência passa a orientar o homem em seu agir. No caso da abstração científica, esta “orientação”, quando devidamente sistematizada, denomina-se de tecnologia. Percebe-se, neste campo, um caminho análogo embora inverso àquele que percorre a moeda: esta se constitui numa prática concreta que traz em seu bojo a abstração; a ciência é abstrata já em sua definição, mas suas conseqüências são concretas quando ela gera tecnologias, cuja eficiência provem da ciência (abstrata!) que lhes fornece a base.

Encontramos assim mais uma propriedade da ciência: a de gerar conseqüências muito concretas, práticas.⁷ Note-se que a abstração científica alcança eficiência tanto maior

⁷ Não encontrei em Sohn-Rethel as elaborações contidas a seguir neste parágrafo. No entanto julguei necessário acrescentar estas observações para melhor entendimento da natureza dos fenômenos em foco. E de seus paradoxos.

para o domínio da natureza (tecnologia) quanto mais for elevada e precisa: dois atributos que cabem - da mesma forma - à moeda e a seu uso. Moeda e ciência comungam portanto em exigência de abstração e de precisão. Movimentam-se em sentido contrário: da prática à abstração, na conexão moeda-ciência; da abstração à prática, na conexão da ciência à tecnologia.

Uma coisa aparece logo à primeira vista nesta história: como a moeda introduziu a abstração, gerando o caldo em que se formou a pesquisa científica, assim ela aprofundou ulteriormente esse processo de abstração através de suas novas formas assumidas no capitalismo: da escrituração da moeda, à moeda fiduciária com base em moeda mercadoria (capítulo principal desta história foi o padrão ouro), aos progressivos afastamentos da própria definição da moeda em relação a uma mercadoria específica, conforme a evolução sofrida com o abandono do padrão ouro ... até as formas mais “imateriais” da moeda de crédito, da moeda eletrônica, dos “derivativos”.

Não entraremos nos detalhes desta análise da progressiva abstratificação do documento monetário. Mas cabe a este respeito notar quanto - quase em “paralelo”⁸ - a própria elaboração social da ciência (em especial a matemática e suas aplicações aos campos mais variados) seguiu programa que de certa forma se poderia denominar de paralelo: em ambos os casos geraram-se cada vez mais profundas abstrações, ligadas à eficiência potencializada, quer da abstração monetária, quer das conseqüências tecnológicas da ciência. Caiba aqui só este aceno a tais desenvolvimentos.

⁸ Propriamente, aqui não há paralelismo, por serem extremamente acidentados os caminhos percorridos pela moeda e pela ciência. No entanto, o aprofundamento de abstrações cada vez mais elevadas caracteriza constantemente esses dois campos acidentados.

5 - Ciência e colonialismo

Os dois grandes momentos no desabrochar das relações humanas acima analisadas são a civilização grega e a formação da idade moderna, ou seja do capitalismo.

No entanto, a análise deve-se completar incluindo um aspecto adicional e muito concreto de sua realização: como se difundiu essa autêntica alavanca da civilização capitalista? Como determinou ela a geografia do mundo moderno? Ora o processo que gerou a civilização capitalista formou-se no e pelo colonialismo. Portanto suas características (inclusive moeda e ciência) foram moldadas e difundidas, a partir dos séculos quinze e dezasseis, na prática de relações coloniais.

Os diferentes territórios – a superfície do planeta colocada à disposição dos homens - foram sendo dominados e determinados pelo processo colonialista. Foi nele que nasceram e se desenvolveram as relações capitalistas. Ocorreu então que tais relações tomaram conta da terra submetida, difundiram-se, penetraram nos mais diversos recantos. No entanto, fizeram-no de forma simultaneamente diversificada e articulada, resultando no produto mais genuíno do processo de colonização. “Desenvolvimento desigual e combinado” seria a clássica frase de Trotski, autor hoje tranqüilamente esquecido.

Será necessário portanto buscar um fio da meada para a análise das conseqüências científicas e tecnológicas daquilo que ocorreu com a colonização. Para isso podem-se adotar duas outras definições de Sohn-Rethel, aplicando-as ao caso colonial apesar de que esse Autor não realizou tal extensão de sua pesquisa. Trata-se da identificação, em nível genérico, das diferentes sociedades que se formam a partir das experiências acima

comentadas.⁹ É uma busca por encontrar aquilo que junta os homens em sociedade; tal busca domina todas estas elaborações.

Antes de tudo, considera-se a formação de uma sociedade “que obtém sua síntese pelo relacionamento do trabalho no processo de produção” (p.73): denomina-se esta sociedade de “sociedade de produção”. Uma tal sociedade tem a possibilidade de se desenvolver sem a formação de classes.

Não é este, evidentemente, o caso do capitalismo, no qual o processo básico vinculante é aquele de apropriação. A partir da difusão e aprofundamento das relações mercantis (sobretudo se monetárias), temos uma “sociedade de apropriação”, “uma forma de sociedade que repousa sobre a apropriação” (*ibid.*): nela os vínculos que dão fundamento à ordenação social são relações de apropriação, dominando inclusive (direta ou indiretamente) o processo de produção.

Mas o processo de apropriação (tão evidentemente corporificado na moeda) assume duas formas: a apropriação recíproca (como acontece nas trocas), e a apropriação unilateral (apropriação sem reciprocidade cujos padrões podem ser o roubo, a pilhagem ou a cobrança de impostos). (Note-se que nenhum juízo de valor moral pode ser colocado “com anterioridade” em tais formulações: eventualmente será posto a partir delas). Ora, aquele aprofundamento da sociedade de apropriação (monetária) que é o capitalismo se compõe desde seus fundamentos das duas sociedades de apropriação: apropriação recíproca (o

⁹ Será oportuno assinalar aqui, com maior razão, a observação do Autor neste contexto: “No fundamental, restringimo-nos nesta parte, como aliás em geral neste texto, aos pontos de vista do **entendimento** da história, sem entrar no tratamento detalhado do mesmo.” (SOHN-RETHEL, 1989, p.73. Grifo nosso).

mercado) e apropriação unilateral (o estado). Um é necessário para o outro, pois não se pode desenvolver o mercado sem um estado.¹⁰

O que acontece na maioria dos casos no processo de colonização é a introdução de uma sociedade monetária lá onde não existia, ou dela só se conhecia desenvolvimento muito mais rudimentar. Com isso na colônia impõe-se “de fora”, a partir do colonizador, uma sociedade de apropriação recíproca, imposição esta que provem na prática de atos e processos do poder próprios de uma sociedade de apropriação unilateral: o estado colonizador, no exercício de sua autoridade.

Em palavras talvez excessivamente sintéticas, pode-se dizer o seguinte: enquanto no estado colonizador o desenvolvimento da sociedade de apropriação recíproca (de mercado a capital) exige uma sociedade de apropriação unilateral (o estado), na colônia a sociedade de apropriação unilateral, o estado colonizador, introduz e difunde (propriamente: impõe) a sociedade de apropriação recíproca, o mercado.

Nas circunstâncias de um processo desta natureza, seria de se estranhar muito se surgisse um mercado mundial baseado em uma consolidação generalizada e consolidada de relações de reciprocidade. Esta é a base da formação dos modernos problemas que afetam e definem aquela relação que bem descreve o panorama dos países no século vinte; que se fale deles como “Terceiro Mundo”, como centro e periferia, como dependência: palavras colocadas no esquecimento pela introdução de outro termo, a globalização, cuja realidade porém mais uma vez confirma a continuação daquelas relações (essencialmente “desiguais e combinadas”) legadas na herança colonial, mesmo que hoje vistam outras roupagens.

¹⁰ Este é mais um ponto no qual preferimos ficar apenas na formulação preliminar, sem nos adentrar nos

Na “ciência das nações”, aquela cara a Vico, o que surgiu assumiu aqueles nomes mencionados que, a partir dos herdeiros mais diretos das antigas potências coloniais, foram progressivamente inventados e sistematicamente rejeitados. Como Vico bem percebia, por trás do surgimento e desaparecimento de terminologias está a “ciência” da sociedade, característica do nível de desenvolvimento em que a mesma sociedade se encontra.

Como resultado – ainda que preliminar e exposto em forma quase telegráfica – pode-se dizer que a articulação da moeda com a ciência e a tecnologia identifica profundos processos formadores da sociedade capitalista. Ao se difundir e se generalizar, tais processos “prendem” as sociedades nas malhas não só de suas próprias definições e características, mas também do modo e arte em que eles se afirmam e difundem.

Assim, umas definições hauridas em Sohn-Rethel fornecem algum caminho para compreender o quadro das nações que dominou o século vinte.

O resultado é um mundo formado numa “reciprocidade” articulada em claras amarras unilaterais determinando seus destinos: o mercado e os estados, todos iguais, uns mais que outros.

Bibliografia

BURKE, Peter. *Vico*. Trad. R. L. Ferreira. São Paulo, EDUNESP, 1997. 113p.

ESTÊVÃO, João. *Moeda e sistema monetário colonial*. Lisboa, Escher, 1991. 209p.

FIKER, Raul. *Vico, o precursor*. São Paulo, Moderna, 1994. 103p. (com breve Antologia).

detalhes da demonstração. A respeito do assunto, cf. PASHUKANIS, 1926; MATHIAS & SALAMA, 1983.

- GALILEI, Galileo. *Sensate esperienze e certe dimostrazioni*. Antologia a cura di Franz Brunetti e Ludovico Geymonat. Bari, Laterza, 1971. 252p.
- GALVAN, Cesare Giuseppe. De colônia a periferia: hipóteses sobre as relações entre estado, moeda e trabalho intelectual. *RECITEC*, Recife, v.1, n.1, p.1-23, jan.-dez. 1997 (Home page: <http://www.fundaj.gov.br>).
- GALVAN, Cesare Giuseppe. *Moeda, ciência, tecnologia e história: Sohn-Rethel e Vico*. João Pessoa, UFPB/Mestrado em Economia, 1999. (Texto para Discussão, n.128) 18p.
- MARX, Karl. *Das Kapital*. Berlin, Dietz, 1977. 3v. (MEW, v.23-25)
- MATHIAS, Gilberto; SALAMA, Pierre. *O estado superdesenvolvido. (Ensaio sobre a intervenção estatal e sobre as formas de dominação no capitalismo contemporâneo)*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- PASHUKANIS, Evgeny. *La théorie générale du droit et le marxisme*. Tr. J.-M. Brohm. Paris, EDI, 1978 (II ed. russa, 1926). Trad. Brasileira: São Paulo, Acadêmica. English version: see PASHUKANIS, *Selected Writings on Marxism and Law*. London (etc.), Academic Press, 1980, p.37-131.
- ROSSI, Paolo. *Os filósofos e as máquinas, 1400-1700*. Trad. Federico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. 183p.
- SOHN-RETHEL, Alfred (1989). *Geistige und körperliche Arbeit. Zur Epistemologie der abendländischen Geschichte*. Rev. und ergänzte Neuauflage. Weinheim, VCH,

xi,226p. (Já traduzi trechos selecionados, ainda não publicados: cf.1995, João Pessoa, UFPb, CCSA, Mestrado em Economia, Textos para a Discussão, nº 87).

SOHN-RETHEL, Alfred. *Das Geld, die bare Münze des Apriori*. Berlin, Wagenbach, 1990. 80p.

VICO, Giambattista. *De antiquissima italorum sapientia* (1710). Paris, T. E. R., s.d. 60p.

VICO, Giambattista. *La scienza nuova*. Intr. Paolo Rossi. Milano, Rizzoli, 1977. 763p.